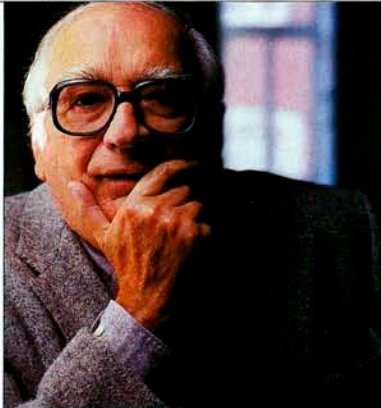


A burguesia:

um fenómeno que todos querem e todos atacam



Não me importo nada por ser burguês mas se o não fosse não seria para aderir ao proletariado. O contrário do burguês é o boémio e o marginal.

Um burguês é um senhor integrado numa sociedade com uma estrutura que lhe permite ter uma casinha, uma comida a tempo e horas, uma capacidade de escolher o que quer vestir. Um automóvel e assim. Estes desejos são perfeitamente legítimos e a sociedade devia organizar-se de maneira que todos tivéssemos essa participação no reino das coisas. A verdade é que a reivindicação dos homens anda sempre à roda do mundo das coisas e com muita dificuldade encontramos alguém que faça reivindicações: no amor, na paz, na fraternidade, numa data de coisas de que a *intelligentsia* falava nos séculos XIX e XX e que pouco tinham a ver com as coisas.

Não quero dizer que tenhamos que pôr de parte as coisas. Gandhi é que ficou muito contente porque numa das suas caminhadas partiu o espelho de fazer a barba mas quando chegou a um lugar onde se

vendiam espelhos, ele já não precisava porque tinha aprendido a fazer a barba sem espelho. O verdadeiro despojamento é das coisas mas eu confesso que tive algumas amarras que me ligaram ao mundo das coisas. Eram os livros. Um menino burguês tinha livros e a sua vida andava à volta dos livros que já tinha, dos que lhe faltavam, dos que tinha de comprar de qualquer maneira. Na minha juventude havia muitos assim: era uma espécie de confraria de meninos que compravam livros, não sei se os liam mas era um comportamento que está inerente à nossa condição. Fartei-me de comprar livros ao ponto de não poder ler os livros que comprava. “Ficam para a minha velhice”, dizia eu na tentativa de ter um fim de vida enobrecido.

Acontece é que, a certa altura, não se trata já de comprar livros mas de ter onde os arrumar. A minha casa de Lisboa, as-

minhas salas da quinta vivem assim, rodeadas de livros, como eu sonhava na minha meninice. Este interesse fundamental pelos livros, que iria coroar a minha velhice, não se vai realizar porque difícil em minha casa é encontrar um livro e já não tenho a minha vida encaminhada para essas cerimónias.

O grave é eu não ter outros interesses nesta altura da vida. Um amigo meu, com 82 anos, foi muito contente com a mulher à Argentina, exactamente com o espírito e o rito de quem vai viajar. Também não pendo para aí. Viajei pela França e pela Itália quando era novo e depois passei para o Brasil, para Cabo Verde, por Goa e assim. Fiquei bastante preso aos países de língua portuguesa e sempre me encontrei lá como se fosse a minha própria Pátria. “A minha Pátria é a língua portuguesa” é uma frase de Fernando Pessoa em que acredito muito. Isto porque as línguas devem manter sempre um poder de criação e não há nada como a convivência linguística para acordar uma língua destinada a morrer. Por todos esses lugares da língua portuguesa encontrei pessoas que tinham da linguagem uma intenção próxima da minha.

Isto começou pelo mundo das coisas em que eu disse que não acreditava porque não vibrava com elas. Falei nos livros que comprava como se fosse um pecado que me enobrecia. Imaginei grandes serões de leitura para quando chegasse ao Outono dos meus dias. Já não leio os livros, aqueles que tenho lá por casa e que eu julgava que iriam fazer a minha felicidade, quando não tivesse já nada para fazer. Estou assim como alguém a quem correu tudo ao contrário mas persisto em não estar arrependido de nada do que fiz. ■

A reivindicação dos homens anda sempre à roda do mundo das coisas. Com dificuldade encontramos amor, paz, fraternidade.